

Textos de apoio ao co-  
mício de solidariedade  
com os Povos de Espanha

## A ECONOMIA CAPITALISTA ESPAÑOLA

Nº2

Para uma melhor compreensão da actual situação em Espanha não podemos deixar de observar alguns acontecimentos recentes que, sem o conhecimento das quais é impossível compreender devidamente o presente, e isto porque apesar de algumas mudanças parciais e superficiais a sociedade espanhola ~~xx~~ de certa maneira modificou-se nestes últimos ~~trinta~~ anos.

As origens da actual situação em Espanha, situam-se indiscutivelmente em 18 de julho de 1936, quando um punhado de generais, representando os interesses mais reacionários da burguesia, sublevaram e com o apoio da Alemanha Nazi e da Itália Fascista, assim como de toda a reação internacional, mergulharam a Espanha na Guerra Civil.

A queda da monarquia, originou longas movimentações populares, das quais as diversas camadas do povo lutam pelas suas reivindicações próprias. Os operários lançam-se em greves por toda a Espanha, os camponeses ocupam as terras e palácios dos grandes senhores, as várias nações integradas na monarquia espanhola lançam-se na conquista dos seus direitos (caso da Catalunha e do País Basco).

Enquanto isto, os políticos burgueses discutem placidamente o melhor modo de explorar os trabalhadores de Espanha.

Ultrapassados pela movimentação das massas, fazem intervir primeiro a polícia e depois o exército. Os sectores mais reacionários da burguesia são sustados com a combatividade demonstrada pelos explorados e pelas justas anseios dos povos catalão e basco, organizam-se no Movimento Falangista. Após a vitória de uma coligação da direita das eleições de 1933, registam-se dois levantamentos armados: Campanys proclama o estado Catalão dentro da República Federal de Espanha; Os mineiros das Astúrias organizam comités revolucionários e tomam conta das principais cidades bascas. Segue-se uma repressão implacável ordenada pelo governo e executada pelo general que se começa a tornar notado: Francisco Franco, Alcaldeja, então presidente da república, chama-lhe salvador da pátria. O exército enviado para as Astúrias faz 1.500 mortos, 5.000 feridos; 50.000 operários são presos; aldeias inteiras são ocupadas pelo exército e polícia, saqueadas e destruidas. A revolta da Catalunha é também apagada em sangue e os seus dirigentes presos ou exilados.

Em Fevereiro de 1936, celebraram-se eleições nas quais os partidos e organizações operárias, e as da pequena e média burguesia se ligaram na Frente Popular e conseguiram a maioria nas cortes—80% dos deputados. No entanto, apesar da proclamação da segunda república em 1931, as forças reaccionárias monarco-clerical-fascistas não tinha perdido o poder económico nem fundamentalmente o poder político. O governo da Frente Popular pressionado pelas massas, amnistia os trinta mil operários das Astúrias ainda na prisão, e suspende o pagamento das rendas dos campos da Estremadura e da Andaluzia. Os generais fascistas, Franco e Goded, são exilados para as Canárias e para as Baleares. Madrid e outras cidades são testemunha de grandes manifestações operárias e populares. As greves mantinham-se durante semanas como a da construção civil e a dos elevadores. Os socialistas e os comunistas reclamam armas para o povo e a formação de um exército popular para lutar contra o golpe militar eminente. No entanto o governo recusa-se a apoiar o povo.

O levantamento fascista de 18 de Junho de 1936, tem por função travar e fazer recuar o movimento de massas em Espanha: a guarnição de Marrocos e as principais guarnições militares em território Espanhol sublevam-se contra a primeira república. Ao fim de quatro dias de luta a situação era a seguinte: o exército fascista ocupava um terço do território, incluindo os principais distritos cerealíferos de Castela. As principais zonas industriais (Madrid, Barcelona e País Basco) continuavam sob a autoridade da república. Ao fim desses quatro dias Franco afirma: "a vitória é nossa!". O presidente da República, Miguel Azaña, afirma: "A República continua a existir".

A GUERRA CIVIL TINHA COMEÇADO.

A classe operária das várias cidades de Espanha imediatamente exi-  
giu armas. Em Algeciras e Górdoba os governadores civis recusaram-se  
alegando falta de autoridade, horas mais tarde, os militares franquistas  
chegaram e "estabeleceram a ordem" com rajadas de metralhadora, fo-  
ram assassinados centenas de operários que resistiam com facas e de  
peito descoberto.

Huelva, Granada e Sevilha são também tomadas à custa de grandes  
carnificinas infligidas aos operários. Em Madrid, e perante a exigê-  
cia de armas, o governo foi incapaz de tomar uma decisão e foi sem au-  
torização que um grupo de oficiais distribuiu 5.000 carabinas que os  
operários utilizaram para atacar o quartel de Montaña, ocupados pelos  
pelos nacionalistas, no que obtiveram exito. Para aqui vieram de Galiza  
comboios de mineiros armados, para ajudar à defesa de Madrid.

A maior parte das grandes cidades foi valorosamente defendida, Ma-  
drid, Barcelona, Bilbau, Valencia e as províncias de Catalunha, Caste-  
la a Nova e toda a costa mediterrânea permaneceram nas mãos dos repu-  
blicanos.

Entretanto a FP e a Juventude Socialista Unificada formaram milícias  
armadas, treinadas por oficiais de carreira republicana, pilotaram nas mor-  
montanhas no norte de Madrid.

A 7 de Setembro Aguirre forma um Governo Basco e um estatuto Basco  
é posteriormente aprovado nas Cortes.

O exercito Nazi-fascista bem armado e treinado conta com o apoio  
económico da Inglaterra e militar da Alemanha nazi, Itália de Mussolini,  
Portugal de Salazar. A Itália fascista envia prontamente 12 bombardeiros  
enquanto que a Alemanha nazi estabelece uma ponte aerea que leva à  
Espanha fascista 20 aviões e 15000 soldados. Portugal garante aos fascis-  
tas espanhois o R.C.P. de Botelho Moniz que funciona em apoio exclusivo de  
de Franco eo abastecimento de armas e alimentos. Os refugiados espanhois  
sobre os quais haja suspeitas políticas são devolvidos aos franquistas;  
os outros, os que são admitidos em Portugal são roubados e expoliados pelos  
los comerciantes, funcionários municipais, etc. Assim os fascistas vão ga-  
nhando posições: Sevilha (27 de julho), Badajoz à custa de terríveis massacres  
(14 de Agosto), Tarifa (3 de Setembro), Irun (5 de setembro). A 29 de  
Setembro a junta nazi-fascista nomeia Franco "chefe de governo".

Nas zonas ocupadas os nazi-fascistas de Franco impunham o respeito  
pelo terror: as greves foram proibidas, os dirigentes operários foram  
assassinados etc... A Igreja Católica abençou todos estes crimes...

São feitas execuções sumárias pelos esquadrões da falange.

Nas aldeias formam-se comites constituidos por Padres, guardas Civis  
e pelos principais proprietários.

A Espanha Republicana tenta, entretanto, reorganizar o poder político  
no entanto as medidas tomadas por Caballero (chefe do governo na altura)  
não asseguram o reforço do poder governamental. A frente militar e a  
defesa de Madrid era assegurada por militares de vários partidos dos  
quais o mais famoso era o 5º Regimento organizado e comandado pelo Partido  
Comunista. Perante um poder político sem autoridade era às massas  
populares que cabia a defesa de Espanha.

O reforço da ajuda dos nazi-fascistas, pelo governo de Hitler, Mu-  
ssolini e Salazar consiste basicamente em material militar: carros blin-  
dados, artilharia e peças anti-aéreas, submarinos, isto apesar da não  
intervenção preconizada por estes governos.

A URSS de Staline que havia concordado com o comité de não interven-  
ção com a França, Inglaterra, Itália, Alemanha, etc., apesar de saber  
que tal comité aos nazis-fascistas para intervirem abertamente, decide-  
-se a apoiar abertamente os republicanos. Até Outubro via apenas pro-  
dutos médicos e alimentos, mas a partir de 7 de Outubro, desliga-se do  
comité de Não intervenção e apoia militarmente os republicanos. A 17 de  
Outubro chegam os 1ºs voluntários estrangeiros que organizados numa  
base de treinos em Albacete por Togliatti e André Morty constituem as

-3-

Brigadas Internacionais, que viriam a ser conhecidas pelo povo espanhol devido ao seu abnegado heroísmo, dando provas de um verdadeiro Internationalismo Proletário.

A defesa de Madrid iria ser um marco na história da Guerra Civil.

Nos bairros operários o povo arranca as pedras dos pavimentos para construir barricadas e cada casa, cada rua, foram transformadas em fortalezas. Os operários metalúrgicos passaram a fabricar granadas em vez de artigos domésticos. Os operários da construção civil construiram sob fogo inimigo uma linha de fortificações. As mulheres garantiam o abastecimento de alimentos às barricadas e a evacuação dos feridos. O povo preparava-se para defender a cidade, rua por rua, casa por casa.

Na tarde de sábado 8 de Novembro chegam a Madrid as primeiras Brigadas Internacionais compostas por cerca de 3000 homens. O governo burguês foge miseravelmente de Madrid e é o povo quem organiza a defesa da cidade.

Durante dez dias Madrid foi corajosamente defendido. Perante tal resistência os nazi-fascistas de Franco iniciam o bombardeamento da cidade. O bombardeamento apenas aumentou o vigor revolucionário dos defensores da cidade.

Franco desesperado com a heróica resistência que encontrou pela frente declara: "A partir de agora já não há combatentes, se for preciso fuzilaremos metade de Espanha", posto isto suspendeu o ataque a Madrid que só retomou, 3 anos depois no fim da guerra.

Após o ataque a Madrid era assim a distribuição dos dois exércitos

FASCISTA:  
10.000 soldados italianos  
30.000 soldados carlistas  
120.000 falangistas  
40.000 mouros

Legião Condor (sob comando dos nazis)

4 companhias blindada  
(48 tanques)  
Cerca de 6.000 soldados especialistas  
4 esquadras de bombardeiros (48 aviões)  
4 esquadras de caças  
4 esquadras de reconhecimento  
4 esquadras de hidroaviões  
4 baterias de 20mm e 4 de 88mm

REPUBLICANOS:  
5 Regimentos 60.000/70.000 homens  
Cord. Nacional Trabalho - 30.000  
6 Internacionais 30-40.000  
Ex-Republicano - 90.000

O povo resistia palmo a palmo ao avanço das tropas nazi-fascistas. O que se passa em Espanha é radicalmente diferente do que se passou na China ou na Albânia nessa época.

Na China e na Albânia, todo o povo se ergueu numa justa guerra popular, organizado num exército vermelho, estreitamente ligado a uma intensa luta de guerrilhas, sob a direção centralizada dos respectivos partidos comunistas.

Em Espanha as forças que se opõem a Franco não são homogéneas, há agudas contradições entre elas, que, em lugar de serem resolvidas se agravam. As ideias anarquistas ainda gozam de grande influência em largos sectores do proletariado espanhol, e, combatentes anarquistas abandonam por vezes sectores inteiros da frente de combate, fazem pilhagens ou ~~fazem~~ ~~soldados~~ combate ao inimigo. Os políticos burgueses mostram-

se incapazes de governar e de organizar a resistência aos exércitos francesistas, mostram-se incapazes de governar e de organizar a produção nas zonas republicanas, à medida que a guerra se torna cada vez mais um combate decisivo entre exploradores e explorados, e não uma mera luta entre fascistas e democratas.

Nas zonas republicanas as rendas de casa e os artigos de utilidade pública eram controlados por comités de bairro. As espaçosas casas particulares dos ricos que tinham fugido foram convertidas em escolas, orfanatos e hospitais. Muitas fábricas foram ocupadas pelos operários. Alguns dos proprietários foram abatidos a tiro, outros fugiram, e outros continuaram a trabalhar nas "suas" indústrias, sendo pagos com salários de engenheiros. Todos os serviços públicos os transportes etc., eram assegurados pelos operários. Algumas fábricas, como por exemplo de maquinaria e garagens, além do seu habitual trabalho, fabricavam granadas, projécteis e chapas blindadas. Os salários aumentavam cerca de 15% e as rendas de casa foram reduzidas de 50%. Toda a gente estava sujeita a um imposto de 10% sobre o salário para o esforço da guerra.

Nas aldeias criam-se comités de camponeses que impulsionavam e dirigiam a luta. As rendas foram abolidas e os registos da propriedade queimados. Nalguns casos todas as terras da aldeia foram colectivizadas, enquanto outros as terras pertencentes a proprietários que tinham fugido ou sido executados eram distribuídas pelos camponeses. As igrejas foram transformadas em mercados ou em hospitais. Nalguns locais decidiu-se abolir o dinheiro e procedia-se ao comércio local pela troca de mercadorias ou utilizando sementes. Nas Astúrias os comités de aldeia colectivizaram todo o comércio serviam refeições gratuitas em cozinhas públicas e aboliram o dinheiro para as transacções locais. Os pescadores colectivizaram os seus equipamentos, as docas e as fábricas de conservas.

A falta de uma direcção centralizada, a desorganização e a dispersão das forças populares, permitiam apesar da resistência heroica do povo que as tropas de Franco fossem avançando.

Málaga, importante cidade republicana, é defendida por 40.000 milicia licios mal armados que são esmagados pelos tanques, pela artilharia e pela aviação franquista. Há dezenas de milhar de fuzilados.

Guernica, capital tradicional do país basco é bombardeada pelos nazis da legião Condor e totalmente arrasada. Em seguida os aviões a baixa altitude metralham os sobreviventes que fogem da cidade.

As tropas de Franco invadem o país basco. Os operários da construção civil de Bilbao constroem o "anel de ferro", circundando a cidade, conjunto de fortificações por trás das quais os combatentes bascos resistiram durante meses. A sua resistência apenas foi quebrada brada pela investida dos nazis da legião Condor que bombardeavam Bilbao e pela superioridade em número e abastecimento das tropas fascistas de Franco.

Após algumas duras batalhas de desgaste em torno de Madrid, após os exércitos franquistas cortarem em 2 as zonas republicanas, isolando Madrid de Barcelona, em Julho de 1938, a república espanhola lança a sua última ofensiva.

Milhares de homens atravessam o rio Ebro e sem qualquer apoio aéreo penetram 40Km nas linhas inimigas. Devotados numa primeira fase os franquistas acabaram por recuperar o terreno perdido à custa de toneladas de material bélico e abastecimentos recebidos de Alemanha, Itália, Portugal e dos EE.UU. A 1 de Abril de 1939 os fascistas dominam todo o território espanhol, embora até 1942 continuassem alguns combates esporádicos.

A guerra civil espanhola surge na altura em que o sistema capitalista no seu conjunto vislumbrou numa Nova Guerra Mundial a solu-

ção das suas contradições e dos seus resultados, permitindo a existência de alguns países o medo de não poder continuar a governar mantendo o sistema de exploração capitalista no marco da sua própria legalidade burguesa, acarreta o recurso ao golpe de Estado, à implantação pela força da violência, da mais feroz das ditaduras fascistas, como por ex. na Alemanha e na Itália, e a guerra de opressão para manter a exploração e opressão sobre os povos que dominam.

No que se refere a Espanha neste contexto internacional, as agudas contradições de classe, fazem com que as massas trabalhadoras manifestassem grande combatividade e decisão para reclamar e defender os seus direitos, e opôr-se ao trabalho de sabotagem e obstrução com que a oligarquia financeira e possuidora de terras levavam a cabo.

As castas reaccionárias dão-se conta que como classe estão condenadas a desaparecer e que só pela força o podem impedir. Para tal não hesitam em entregar a soberania nacional a uma potência estrangeira para receber o apoio financeiro e militar, tanto em homens como em armas que lhes permita exercer a opressão sobre o povo e assim defender os seus privilégios.

Os fascistas italianos dominam parte da indústria das conservas de peixe, as minas e o azeite.

As minas de Riotinto e boa parte das exportações espanholas ficaram nas mãos dos nazis alemães, 75% do capital pertencia-lhes

Os EUA, por seu lado, venderam a Franco dezenas de milhares de motores, camiões, etc. e abasteciam os fascistas de todo o petróleo de que necessitavam.

São estes, em traços largos, os factos que explicam a actual situação da Espanha e dos Povos das distintas nacionalidades existentes.

As mesmas leis, os mesmos princípios, os mesmos métodos terroristas do governo que foram impostas a sangue e fogo em 1939, estão de pé.

As mesmas castas oligárquicas que continuam no poder, que fuzilaram centenas de milhares de operários, campeses e progressistas, continuam a explorar, a oprimir e reprimir ferozmente os Povos de Espanha.

Franco ganhou uma guerra, mas a luta continua.

Hoje, a luta do proletariado espanhol e das nacionalidades oprimidas cresce, e acabará por destruir nas chamas da Revolução o odiado regime franquista, não permitindo que em seu lugar se instale um novo capitalismo, de fachada "democrática" ou de Estado.

OS POVOS DE ESPANHA VENCERÃO!!!